Para o meu grande amor, Rosa Amadi Acevedo,
& para a minha irmã, Carid Santos

Em memória das vidas perdidas
no voo 587 da American Airlines



O coração da abóbora,
só a faca o conhece.

PROVÉRBIO DOMINICANO

CAMINO ✈ YAHAIRA

Conheço a lama muito bem.

Sei que quando uma rua não tem passeios
& a água inunda o piso ladrilhado das casas,
entender a lama é entender a linguagem da sobrevivência.

Conheço a lama muito bem.
Sei que Tía me ameaçará com um pano da loiça se a trouxer para dentro.
Como será preciso elevar a cama para a temporada dos furacões.

Como a lama, seca & teimosa, se agarra aos sapatos.
Ou às paredes. Ao cão *Vira Lata* e aos pés descalços.
Sei que há lama que espirra quando o *motoconcho* passa.

Lama que suga & mastiga os saltos altos
das trabalhadoras que um dia andaram na escola comigo.
Lama que amolece, que se torna numa estrada para lugar nenhum.

& lama tem mente própria. Quer embrulhar-te
os *mocassins*, abraçar-te a saia da farda.
Beijar-te os joelhos & fazer-te escorregar para a conheceres.

— Não deixes a lama sujar-te — diz sempre Tía.
Será que ela não consegue ver? O lugar de onde somos
já deixou em mim as suas marcas.

Perdi noites a limpar as plantas dos pés,
pano sujo num balde, desfazendo esta marca de lugar.
Ser deste *barrio é* ser feito desta terra & argila:

suja, empoçada, coisa de terceiro mundo:
dizem, o solo debaixo das unhas de uma nação, dizem.
Amo o meu lar. Mas talvez seja um buraco

tentando banquetear-se areia movediça

boca escancarada; tenho fome de solo estável,
noutro lugar.

Esta manhã, acordo
às cinco. Lavo as mãos & o rosto.
Há uma mulher com cancro,

uma pedrinha,
inchando-lhe a barriga,
& Tía Solana precisa da minha ajuda para cuidar dela.

Desde que aprendi a andar,
colei-me a Tía,
mesmo quando a Mamá ainda era viva.

Tía & eu damo-nos bem.
Não implico com as regras dela.
Ela não impõe nenhuma desnecessária.

Somos quietas pela manhã.
Ela passa-me um pedaço de pão do tamanho da palma;
eu preparo-lhe café no bule.

Quando o galo de Don Mateo canta,
trancamos a casa, o facão de Tía escondido num saco.
O sol espalha tons rosa pelo céu.

O *Vira Lata* espera do lado de fora do portão.
Tecnicamente, é o animal de estimação da vizinhança toda,
um cão sem nome, só se sabe que anda por aí;

desde cachorrinho que dorme do lado de fora da porta,
& ainda que não pense nele como sendo só meu,
sei que ele pensa que eu sou dele.

Atiro-lhe um pedaço de pão,
& ele corre ao nosso lado até à mulher com cancro,
cuja porta da frente não tem tranca.

De qualquer forma, Tía bate antes de entrar.
Não franzo o sobrolho nem aperto os lábios por causa do cheiro
de um corpo sujo. Com a cabeça, Tía indica a mulher;

ela diz que tenho um toque mais suave do que o dela.
Murmuro um olá; a mulher agita-se em resposta;
sente demasiada dor para dizer alguma coisa,

& já que vive sozinha, não temos a quem perguntar
como ela está. Massajo-lhe a
testa. Está fria, o que é uma bênção.

Acomoda-se com um suspiro profundo assim que lhe toco.

Levo a garrafa de água que Tía me entrega
aos lábios dela; quase sem se mexer, ela bebe.
Dizem que um dia foi uma linda mulher.

Levanto o cobertor que Tía pôs
ao redor dela na última vez que estivemos aqui
& gentilmente pressiono os dedos na sua barriga tapada pela camisola.

A barriga está dura quando lhe toco.
Tía queima incenso em todos os cantos
da pequena casa. A mulher não se mexe.

Num momento assim, é fácil
querer falar sobre esta mulher,
dizer a Tía que não há mais nada que possamos fazer,

dizer em voz alta que ela tem sorte
por os seus pulmões ainda aguentarem respirar.
Mas aprendi cedo a não falar

dos moribundos como se já estivessem mortos.
Não se chamam espíritos maus para o quarto,
& não se mancha a dignidade de uma pessoa

fingindo que ela já não
está viva, & diante de nós
& talvez prestes a receber um milagre.

Não se deixam as palavras atrapalhar possibilidades desconhecidas.

Então não digo que a sua morte parece inevitável.
Em vez disso, coloco-lhe uma mecha do cabelo atrás da orelha
& repouso as mãos na sua barriga — entoando

rezas com Tía
& esperando que quando nos formos embora
o *Vira Lata*, & não a morte, seja a única coisa a surgir.

Tía é o único amor da minha vida,
a mulher que um dia quero ser,
de sobrancelhas arqueadas e mãos calejadas,

um buço peludo sobre uma boca
que viu mortes & doenças & mágoas,
mas nunca se esqueceu de sorrir ou de contar uma piada imprópria.

Por causa dela, também conheci morte
& doença & vida & cura.
& observei cada gesto de Tía

até que pudesse ler o código Morse
feito das gotas de suor da sua testa.
Então, quando digo que quero ser médica,

sei exatamente o que isso significa.

A cura está-me no sangue.
& todos aqui sabem
que as mais respeitadas faculdades de medicina

ficam nos Estados Unidos.
Quero aproveitar o que aprendi
com a vida de Tía dedicada ao amparo & construir uma vida

em que possa ajudar os outros.

Muitas vezes
o cheque de Papi chega atrasado,
& temos de contar

quantos ovos ainda temos,
ou quanto tempo a carne vai durar.
Não quero que Tía & eu vivamos assim para sempre.

Vou conseguir.
Vou conseguir.
Vou conseguir uma vida mais fácil para nós.

O Dia

Começo a aprender
que notícias que nos mudam a vida
geralmente são como partos prematuros:

inesperados, apanham-nos desprevenidos,
emocionalmente impreparados
& por vezes onde não deveríamos estar:

Estou a faltar ao teste de matemática.
Ainda que Papi vá apanhar um táxi quando chegar,
faltei às duas últimas aulas para o poder esperar no aeroporto.

Vou compensar a prova amanhã, convenço-me.
A chegada de Papi, para mim, é um feriado nacional,
& não me importa que ele vá ou não zangar-se.

(Ele lembra-me uma vez por semana que não me paga
a educação cara para que eu falte a aulas ou reprove.
Mas ele não deveria zangar-se, pois sou sempre a melhor da turma.)

Também sei que Papi vai estar secretamente exultante.
Ele adora ser amado. & a sua miúda preferida à espera dele no aeroporto
com um cartaz & um sorriso — haverá melhor receção?

Faz nove meses que ele esteve aqui,
mas, como sempre, apanha o voo no primeiro fim de semana de junho,
& parece que Tía & eu estamos a cozinhar há dias!

Temperando & cozinhando carne de cabra, mexendo uma panelona
de *sancocho*.
Todos os pratos favoritos de Papi estarão à mesa esta noite.
É nisso que penso quando imploro a Don Mateo por uma *bola* para o
aeroporto.

Ele trabalha na cidade, ao lado da pista de aterragem,
então sei que está a reclamar só porque, tal como o seu galo,
é mal-humorado e acostumado à rotina.

Resmunga até quando lhe beijo a face em agradecimento,
e sei bem que o vejo ir-se embora com um sorriso.
Espero no terminal, puxando a bainha da saia da farda,

sabendo que Papi ficará nervoso & inquieto com o quão curta ela é.
Olho para o monitor, mas não vejo o número do voo dele.
Uma multidão rodeia o ecrã.

(Tía tem uma teoria
de que quando notícias más estão a chegar
os Santos tentam avisar-te:

eriçam-te o cabelo
da nuca,
arrepiam-te

a espinha,
dizem-te *cuidado*
cuidado, *muchacha*.

Ela diz que, talvez,
se ficares quietinha o bastante,
rezares o bastante,

os Santos mudem o destino
a teu favor.
O ar condicionado de Don Mateo estava estragado

& o ar quente deixou-me suada,
fazendo-me abanar a blusa para ventilar o colo.
De repente uma calmaria.

Um calafrio invade-me as barreiras do corpo,
um tremor sacode-me as mãos.
Os meus pés não se movem.)

Um funcionário da companhia aérea
& dois seguranças
aproximam-se da multidão

como gatos vadios
acostumados a serem pontapeados,
& assim que o funcionário

diz a palavra *acidente*,
o linóleo abre-se
                uma mandíbula que range,

um estômago sem fundo,
                sou engolida
por uma verdade feita de dentes de tubarão.

Papi não estava aqui em Sosúa no dia em que nasci.
Então, Mamá segurou a mão da irmã, Tía Solana,
enquanto dava à luz.

Sempre adorei a expressão:

dar à luz

Eu era o presente de minha mãe ao sol da sua vida.

Ela orbitava em torno de meu pai,
o clássico satélite distante
que chegava suficientemente perto para a eclipsar uma vez por ano.

Mas naquele ano, no ano em que nasci, ele estava ocupado
em Nova Iorque. Mandou-nos dinheiro e um nome.
Disse à Mamá para me chamar Camino.

Há dezasseis anos, o dia em que nasci foi preenchido por luz.
Tía contou-me. Foi o único aniversário que Papi perdeu.
Um dia soalheiro de julho. Mas parece-me que este ano ele perderá outro.

Porque as pessoas no aeroporto estão a gemer, a chorar,
com as mãos erguidas: caiu, dizem. Caiu.
Elas dizem que o avião caiu do céu.

Sempre foi mais fácil aceitar o afeto de Papi
do que aguentar-lhe as desculpas. Mais fácil aproveitar
a presença dele do que suportar-lhe a sombra da ausência.

Todos os anos ele me pergunta o que quero de prenda de aniversário.
Desde que a minha mãe morreu, sempre lhe respondi:
— Morar contigo. Nos Estados Unidos.

Ouvi-o falar tantas vezes de Nova Iorque que seria de pensar
que nasci naquela cidade. Às vezes parece que tenho
lembranças dos bilhares dele, do *colmado* do Tío, do Yankee Stadium,

como se fossem lugares onde cresci,
& não só as histórias que ele conta
desde que eu era uma *chamaquita* ao seu colo.

No outono, começarei o último ano na Escola Internacional.
O meu plano sempre foi inscrever-me
& frequentar a Columbia University.

No ano passado, contei a Papi sobre esse sonho de tirar medicina
naquela prestigiada universidade, no coração da cidade
a que ele chama casa. & ele riu-se.

Disse que eu poderia ser médica aqui. Disse
que seria melhor para mim visitar a Colômbia, o país,
do que ele gastar dinheiro noutra escola chique.

Não o acompanhei no riso. Ele deve ter percebido
que o seu riso era como um daqueles furadores de papel
a fazer das minhas esperanças um triste confete.

Ele não se desculpou.

É um engano, eu sei.
Um avião não caiu.
O avião de meu pai não caiu.

& se, *se*, um avião caiu
é claro que o meu pai
não vinha nele.

Ele saberia
que aquela carcaça de metal estava condenada.
Os Santos de Tía tê-lo-iam avisado.

Seria como nos filmes,
quando o táxi vira na rua errada,
ou misteriosamente o despertador não toca

& Papi estaria a tentar
chegar ao aeroporto só para descobrir
que foi salvo. Salvo.

É nisso que penso no longo regresso a casa.
Por seis quilómetros olho para a rua & ignoro
os homens que se metem comigo. Sei que Don Mateo viria buscar-me

se lhe telefonasse, mas sinto-me a congelar
de dentro para fora. As únicas coisas que funcionam
são os meus pés a avançar & a minha mente

ultrapassando os meus pés.

Penso em possibilidade após possibilidade;
amaldiçoo todas as pessoas naquele voo,
mas salvo o meu pai na minha imaginação.

Ignoro as notificações das notícias
que me chegam ao telemóvel.
Não abro as redes sociais.

Quando chego ao meu *callejón*,
sorrio aos vizinhos
& sopro beijos ao *Vira Lata*.

Não é verdade, *okay*?
O meu pai *não* estava naquele avião.
Recuso-me.

Todos os anos, Papi embarca no mesmo voo.

Tía & eu somos como ponteiros de um relógio:
organizamos os nossos afazeres em função da chegada dele.
Preparamo-nos para as suas histórias exageradas

de empresários que reclamam do sumo de tomate
& de assistentes de bordo que lhe piscam o olho.
Ele nunca dorme nos voos; ao invés disso, joga xadrez no *tablet*.

Deu-me um no meu aniversário no ano passado,
& antes de embarcar esta manhã,
nós fizemos uma videochamada.

Dizem que ainda é cedo para saber de sobreviventes.

Estou tão habituada à sua ausência
que isto tudo parece mais atraso do que morte.
Quando chego a casa, Tía já viu a notícia.

Abraça-me forte & balança-me,
eu não me junto a ela no lamento *ay ay ay.*
Estou tão dura como um pano sujo deixado ao sol.

Tía diz que estou em choque. & acho que ela está certa.
Sinto que fui atingida por um raio.
Quando um vizinho chega, Tía solta-me.

Sento-me em *el balcón* & balanço-me na cadeira favorita de Papi.

Quando Tía vai dormir, fico de pé à frente do altar
que ela dedicou aos nossos antepassados. É um baú velho, coberto
por um pano branco, atrás da mesa da sala de jantar.

É um dos lugares onde rezamos e pomos oferendas.
Pego num dos charutos que Tía por lá deixou. Cuidadosamente, corto-lhe
a ponta, acendo-o, e por um momento considero beijar

a pequena chama azul. Levo a boca ao cigarro. Inspiro.
Seguro o fumo nos pulmões
até a dor me pressionar o peito

& tusso & tusso & tusso,
arquejando por ar,
lágrimas saltando-me dos olhos.

Balanço balanço balanço até o Sol aparecer por cima das árvores.
Tento escutar o ruído do motor de um táxi,
o riso alto de Papi, a sua voz de trovão

dizendo quão feliz
está por, enfim, chegar a casa…
Sabendo que nunca mais o ouvirei.